

## **O Processo de Avaliação do Ensino Aprendizagem**

Autora: Tânia Maria de Andrade Paz

Aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Natal/RN.

Orientadora: Professora Ms. Maria da Conceição Negreiros de Souza

**Resumo:** O presente artigo procura mostrar o significado da presença do processo de avaliação do ensino-aprendizagem na Educação Escolar. Recorrendo à contribuição da filosofia, buscando refletir sobre os valores que se encontram nos gestos de avaliar e sobre as concepções teórico-ideológicas que os norteiam. Aponta a existência de uma dimensão conceitual dos conteúdos que estão sendo discutidos em determinados momentos de dinâmica escolar. Ressalta a necessidade de se considerar a avaliação, na escola, como uma articulação com os demais elementos da organização curricular, tendo a concepção de que um processo de avaliação deve ser um trabalho vivenciado por todos os segmentos que compõem a escola, possibilitando delinear o quadro das dificuldades e dos problemas encontrados e definir rumos para a continuidade do processo. Portanto, na perspectiva em que o ensino tem por base a construção do saber, a avaliação informa sobre os avanços e recuos que as crianças apresentam na aquisição dos conteúdos, esclarecendo sobre a compreensão que tem tanto em relação às concepções teóricas que estão assimilando, como também oferecendo subsídios sobre a organização das relações lógicas, através das quais estão sendo construídos os conceitos. Como mediação, indica-se a perspectiva de superar uma prática avaliativa baseada no controle e na dominação e de ir ao encontro de um trabalho pedagógico em cujo espaço se crie a possibilidade de contribuir para a formação de uma cidadania ativa, crítica e democrática.

**Palavras-chave:** Avaliação, educação, filosofia, aprendizagem, escola.

### **INTRODUÇÃO**

Reconhecendo a escola como o local onde se busca assegurar, de forma sistemática e organizada, o domínio sólido de conhecimentos científicos e culturais, é preciso refletir em que medida as atividades que se estabelecem no seu interior têm o propósito de buscar, racionalmente, o objetivo pedagógico e, assim, concorrer para os fins da educação escolar.

Nessa perspectiva, todos nós refletimos nas práticas de ensino-aprendizagem, no que se refere às condições de trabalho e desenvolvimento das atividades de um modo geral. Portanto, desejamos mudanças profundas nos rumos da educação, independentemente da corrente política-partidária a que pertencemos. Uma dessas mudanças está relacionada a avaliação escolar, tendo em vista as dificuldades que sentimos ao avaliarmos nossos alunos,

por não estarmos suficientemente preparados para esse desafio, como também por sentirmos medo de prejudicá-los. A avaliação com base bimestre não deve ser a única maneira de verificar o aprendizado, ela tem um grande significado para a vida escolar do educando.

Dessa forma, a avaliação deverá ser entendida como uma ação diagnóstica e contínua dos avanços e dificuldades do educando no processo de apropriação do conhecimento. Deve ser um trabalho vivenciado por todos os segmentos que compõem a escola, possibilitando delinear o quadro das dificuldades e dos problemas encontrados e definir rumos para a continuidade do processo. Assim, precisamos avaliar com eficiência e segurança o assunto, considerando o desenvolvimento do aluno não só na aquisição de conceitos, mas também nos procedimentos e atitudes, contribuindo para que eles se tornem cidadãos ativos e críticos.

O trabalho científico consta de três partes, onde irá mostrar a importância da avaliação na prática educativa, como uma ação diagnóstica e contínua no processo de apropriação do conhecimento.

Primeiramente abordarei a avaliação como processo do ensino aprendizagem, onde observamos que a complexidade do processo educativo envolve instituições, pessoas, organizações administrativas, condições físicas da escola, a natureza e as diretrizes teórico-metodológicas do processo de ensino.

Em seguida relatarei sobre Avaliação como construção do conhecimento, mostrando os dilemas e conflitos enfrentados na persecução do ensino e idealizando uma prática “construtivista”, onde possamos compreender a importância da avaliação numa perspectiva futura.

No terceiro momento abordarei os instrumentos de avaliação, com novas expectativas de mudanças, buscando novos conhecimentos e novas formas para resgatar o papel e as contribuições do processo avaliativo no ensino-aprendizagem.

## **1. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM**

A avaliação é um instrumento que utilizamos para verificar se nossos alunos adquiriram os conhecimentos básicos de cada série, e se eles se tornaram capazes de utilizar estes conhecimentos em situações do seu cotidiano.

Ela deve ser parte integrante do processo ensino-aprendizagem e deverá ter função diagnóstica, entendida como um processo contínuo de informações, análise, reflexão e

tomada de decisão sobre o desenvolvimento e desempenho dos nossos alunos na apropriação do conhecimento.

Nesse processo, o aluno não é o único a ser avaliado. Também serão o professor, o conteúdo desenvolvido e a metodologia. Com isto, além de detectar as dificuldades e avanços dos alunos, a avaliação assume o caráter de redimensionamento da prática pedagógica.

Os resultados alcançados em provas e testes não se constituem nos únicos elementos contemplados na avaliação. Antes, tais elementos devem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem. Neste processo, devemos levar em conta nossa prática diária, a metodologia empregada, os recursos humanos e materiais utilizados, os conteúdos e sua adequação aos alunos.

Os “erros” constatados no trabalho de nossos alunos devem ser interpretados e os conteúdos retomados, muitas vezes, de outra forma. É preciso verificar a natureza desses erros: conceitual, de atenção, de raciocínio, de linguagem e etc. Devemos, sobretudo, trabalhar os caminhos trilhados pelos alunos e explorar os raciocínios envolvidos, levando-os a escolher procedimentos mais adequados que diminuam os erros. Os erros podem ser resultado de uma visão parcial dos conteúdos.

A avaliação deve ocorrer ao longo do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos múltiplas possibilidades de se expressar, rever e aprofundar a sua visão dos conteúdos trabalhados.

O critério básico para avaliação é o conhecimento que o aluno deve adquirir. Este conhecimento está sistematizado na forma de conteúdos básicos para cada série. Portanto é fundamental que o professor os conheça e estabeleça quais são os critérios de avaliação que irá adotar.

O conhecimento adquirido em situações informais se diferencia basicamente daquele ministrado na escola, uma vez que, nesta, conteúdos e estratégias de ensino são planejadas, tendo por objetivo uma maior produtividade nas aquisições.

Segundo alguns estudiosos no assunto:

No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical na sua forma de pensar. Antes de se entrar nela, os conhecimentos são assimilados de modo espontâneo, a partir da experiência direta da criança. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia de organizar situações que propiciam o aprimoramento dos processos de pensamentos e da própria capacidade de aprender. (DAVIS; OLIVEIRA, 1990 P.23)

Logo as atividades de ensino envolvem diferentes momentos, constituindo a avaliação uma das partes indissociáveis do processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a avaliação deve ser compatível com a metodologia de ensino adotado, como também deve ser coerente com a dimensão conceitual dos conteúdos que estão sendo discutidos em determinados momentos da dinâmica escolar.

Entendemos a avaliação como a apreciação sistemática da eficácia e dos efeitos reais do processo ensino-aprendizagem, previstas ou não, por ocasião da construção do conhecimentos. Nesse sentido, a ação do professor está direcionada para o processo e não apenas para o produto.

A análise contínua da performance da criança possibilita ao professor a escolha de estratégias adequadas, condutoras e orientadoras do processo.

O momento da avaliação é oportuno tanto para o professor quanto para os alunos refletirem sobre os seus papéis e retomarem aspectos que precisam ser revistos e/ou ajustados, como também substituir os que precisam ser abandonados.

É importante que a criança tenha conhecimento dos critérios em que será avaliada e dos resultados obtidos, para assim saber organizar seus investimentos na busca da construção do seu conhecimento.

Este tipo de avaliação propicia o desenvolvimento da auto-confiança dos pares envolvidos no processo: aluno e professor.

O professor que faz uso da avaliação sistemática está na vanguarda da educação, isto porque para garantir um produto de alto nível, é necessário orientar eficazmente o processo.

### **1.1 Para que se avalia?**

O papel da avaliação decorre das próprias metas educacionais estabelecidas para a proposta. Assim a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e a ampliação de seus conhecimentos. Dispondo dos principais elementos relativos a eles podemos planejar e (re)direcionar nosso trabalho cotidiano.

Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação tem uma importância social e política crucial no fazer educativo. E essa importância está presente em todas as atitudes e estratégias avaliativas que adotamos.

A avaliação é, então, um aspecto fundamental de qualquer proposta curricular: e, na verdade, parte integrante dessa proposta.

Concebe-se a avaliação como parte de um amplo processo referente à aquisição e a apropriação do conhecimento sistemático, intencionalmente planejado, ocorrendo no ambiente escolar.

A avaliação deve vincular-se ao acompanhamento das ocorrências decorrentes tanto do processo de aprendizagem dos alunos, quanto ao papel que o professor ocupa na realização das contingências programadas para o ensino.

A avaliação é aqui concebida numa dimensão diagnóstica e dinâmica, onde o repensar sobre as realizações leve à adoção de novas atitudes e possibilite um clima amistoso e democrático entre professores e alunos.

Nesse sentido, Santiago (1993, p. 33) afirma:

Na perspectiva em que o ensino tem por base a construção do saber, a avaliação informa sobre os avanços e recursos que as crianças apresentam na aquisição dos conteúdos, esclarecendo sobre a compreensão que tem tanto em relação às concepções teóricas que estão assimilando, com também oferecendo subsídios sobre a organização das relações lógicas, através dos quais estão sendo constituídos os conceitos.

## **1.2 O que se avalia e quem avalia?**

Comumente, em todos os graus do sistema escolar (da pré-escola aos demais graus), os avaliados são só os alunos.

Mas é preciso analisar criticamente essa prática, pois o fato de os alunos serem o único “objeto” da avaliação revela a estrutura de poder e autoridade da grande maioria das instituições escolares. Vistas como “o lado mais fraco”, as crianças sofrem não só a dominação de idade (são consideradas despreparadas e com “faltas”, pois “não são adultos ainda”), mas também sofrem a dominação de classe (e que se coloca o caso particular das crianças das classes populares, avaliados a partir dos modelos de classe média e vistas, assim, através de uma série de preconceitos e estereótipos).

Porém, o que essa prática esconde é um ponto talvez ainda mais nelvrágico: o desempenho e as atitudes das crianças na escola são extremamente influenciados pelas atitudes dos professores e pelo próprio contexto escolar, que é determinado pelos objetivos, normas e práticas da equipe técnico-pedagógica (direção, supervisão, pessoal de serviços).

Isto quer dizer que o projeto pedagógico da escola e, mais diretamente, da professora ou professor interfere no desempenho do aluno.

Ora, é necessário que a “clássica” forma de avaliar, buscando os “erros” e os “culpados”, seja substituído por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o nosso trabalho. Nesse sentido, todos são objetos e sujeitos da avaliação: professores, equipe de orientação, supervisão e direção, funcionários da secretaria, cozinha e conservação, crianças e pais.

É claro que cada área tem aspectos bastante específicos. No entanto, em todas é absolutamente imprescindível perceber que não se trata de buscar falhas ou culpas, mas, ao contrário, o espaço escolar é identificado como lugar de agentes sociais que interagem, com interesses e objetivos muitas vezes conflitantes, ou seja, como prática social coletivamente construída. Dessa forma, é fundamental que estejam claros o papel da escola e o papel de cada um.

Não são apenas as crianças (alunos) que aprendem. Todos constroem conhecimentos, e nesse processo têm dúvidas e dificuldades, fazem progressos e reestruturam suas formas de ação buscando alcançar os objetivos traçados. Assim avaliarmos o desenvolvimento e os conhecimentos da criança, as dificuldades do professor, os progressos e as dúvidas da equipe pedagógica e a estrutura e o funcionamento da escola.

Mas tal sistemática de tomar todos os elementos do trabalho coletivo como sujeito e objeto da avaliação é organizada e orientada por critérios capazes de delinear para cada um o que se espera da sua atuação, em que consiste seu próprio papel e o do outro. Além disso, a fim de que essa sistemática de avaliação participativa funcione e traga contribuições efetivas para todos os envolvidos, ela é introduzida passo a passo, com organização, planejamento e reflexão crítica.

Os critérios básicos que orientam esse processo dinâmico de avaliação, e em função dos quais ele se desenvolve, são fornecidos exatamente pelas metas educacionais traçadas. As crianças são sempre o centro primordial da avaliação que é feita para aprimorar o trabalho realizado com elas.

### **1.3 Como se avalia?**

Três tipos de estratégias que podem ser utilizadas para proceder à avaliação: a) análise e discussões periódicas sobre o trabalho pedagógico; b) observações e registros

sistemáticos; c) arquivos contendo planos e materiais referentes aos temas, relatórios das crianças.

a) As análises e discussões críticas de professores e equipe de coordenação pedagógica são realizados nas reuniões periódicas, fornecendo elementos importantes para a elaboração do planejamento. Além disso, ao final de cada dia as crianças avaliam o trabalho realizado.

b) As observações e registro sistemáticos atendem a objetivos diversos e podem ser implementados com o apoio de alguns instrumentos específicos.

O professor deve observar a turma e registrar livremente os acontecimentos novos, as conquistas e/ou mudanças de determinadas crianças, além de anotar algumas interpretações sobre suas próprias atitudes e sentimentos (suscitados por certas situações de sala).

A medida em que os alunos vão se organizando no espaço e no tempo, e várias atividades diversificadas ou oficinas vão sendo simultaneamente desenvolvidas, é importante introduzir os “calendários mensais”, um para cada tipo de atividade ou oficina.

Esses instrumentos que variam de acordo com o momento, as condições existentes e com os objetivos norteadores de sua elaboração, constituem-se em material bastante relevante para o desenvolvimento posterior do trabalho, apontando falhas e ultrapassar, lacunas a preencher, êxitos ou mudanças necessárias para a concretização da proposta.

Um relatório semestral feito pela equipe coordenadora apresenta o estágio do trabalho, avaliando a implementação global da proposta.

c) Os arquivos referentes a trabalhos, temas e relatórios ajudam a registrar a memória do trabalho da equipe e os avanços de cada criança, oferecendo um material de consulta essencial para a proposta.

Os demais trabalhos, além de maquetes e confecções, podem ser objeto de exposições periódicas (após cada tema, por exemplo), sendo levados para casa mensal ou bimestralmente. Registros de entrevistas individuais realizadas com os pais, bem como relatórios semestrais de avaliação, são arquivadas, construindo uma verdadeira história de cada criança na escola. Além de oferecerem subsídios valiosos para o planejamento posterior, esse tipo de registro possibilita uma avaliação concreta da maior ou menor amplitude dada a cada tema e da riqueza das explorações/atividades/descobertas realizadas.

Arquivos de relatórios, anualmente são organizadas uma pasta contendo atas de reuniões decisivas, fichas individuais de avaliação e relatórios periódicos feitos pela equipe.

Sanados os demais arquivos, esse material configura a memória do trabalho, permitindo que novas integrantes conheçam processo vivido, as dificuldades superadas e as conquistas realizadas.

## 1.4 Avaliar para aprender

Hoje, sentimos uma grande dificuldade com a criança, o jovem, o adolescente; estão automatizados, na linguagem do barulho, na loucura do movimento. Essa coisa de estarem pensando, planejando a sua vida, e sentindo prazer em superar as pequenas dificuldades e estabelecer metas coletivamente, descobrir o sabor disso, isso nós precisamos retomar na escola. É preciso modificar a avaliação na escola. A nota, somente, não expressa nada em relação ao aluno. Ela classifica, mas não tem significado. As provas devem ser um momento de aprendizagem. O aluno precisa ser o autor da sua própria aprendizagem, descobrir como é gostoso aprender, construir projetos etc. e a avaliação é um momento para ele pensar isto, como é que ele está vivendo, o que precisa modificar, o que não está achando legal na escola. É preciso construir na escola uma série de mecanismos para que a aprendizagem aconteça. Como o avanço é continuado, o aluno avança sempre, continua o seu processo de aprendizagem sempre.

A avaliação deve dar conta de todos os aspectos do desenvolvimento da criança, não só o cognitivo. É principalmente, uma avaliação a partir do aluno, tendo ele como referência, como parâmetro de si mesmo. É também uma avaliação diagnóstica que nos diga o que precisamos modificar para que o aluno aprenda. Não uma avaliação para ser ponto final, uma classificação, para depois excluir o aluno. Infelizmente, em muitos locais de ensino, a avaliação ainda é usada para classificar, selecionar e como elementos disciplinador, de controle, ameaça e submissão.

A avaliação precisa acompanhar as discussões e transformações que vêm acontecendo com a educação como um todo. Se modificamos a nossa maneira de entender como o aluno aprende, se acreditamos que essa aprendizagem, não acontece por sobreposição de informações descontextualizadas e sem significado, precisamos rever a prática avaliativa.

A verdade é que o ato avaliativo pouco se modificou. Continuamos a priorizar a memorização de elementos físicos e naturais, datas e fatos isolados.

Considerando a avaliação um espelho da concepção do trabalho do professor, faz-se necessário redirecionar sua prática, que deve estar vinculada com a postura progressista. Uma avaliação contínua, diagnóstica, transparente, formativa, processual e integral, para ser de aprendizagem e para ser de todos.

Contínua porque é parte integrante do processo educativo, não porque ocorre somente no final do processo, como um ato isolado. Tem o objetivo de diagnosticar os avanços e dificuldades encontradas e redirecionar a prática do professor, indica uma tomada de decisão e orienta o trabalho pedagógico.

Mudanças de comportamento requerem reconhecimento e, para isso, transparência. Queremos que o nosso aluno reflita e se conscientize sobre o seu desempenho, fazendo uma auto-avaliação. Nesse sentido a avaliação é formativa e integral. São avaliados não apenas os seus conhecimentos, mas também as atitudes e habilidades adquiridas.

Considerando que receber informações não basta para o desenvolvimento do educando, sendo mais importante a formação de suas habilidades de compreender, analisar, sintetizar e aplicar, cabe ao professor valorizar todo o trabalho criativo e de produção do aluno, seus avanços na aprendizagem, sua participação ativa.

Faz-se necessário repensar também a prática avaliativa que esteja vinculada à postura progressista. Cabe destacar o papel do professor perante a avaliação e os seus alunos. Segundo Caruso (198, p. 51).

“..ensiná-los a pensar, mais do que somente a memorizar, ensiná-los a questionar o mundo, mais do que a aceitá-lo passivamente; ensiná-los a criticar a ciência, mais do que somente sabê-la de cor; ensiná-los a fazer ciência, mais do que recebê-la pronta”.

Diante dessa realidade a avaliação deixa de ser descontínua, fragmentada e comparativa. Perde seu caráter classificatório e passa a ser atuante no processo, parte integrante da aprendizagem.

A avaliação deverá ser feita integrada ao processo de aprendizagem, por meio de atividades que envolvam:

- a pesquisa, valendo-se de recursos das imagens e de vários documentos que possam oferecer informação;
- a produção de textos;
- o posicionamento crítico durante a realização de debates;
- o questionamento, a reflexão e argumentação;
- dramatizações e exposições orais;
- trabalho em equipe, em um ambiente, cooperativo, priorizando os desempenhos coletivos e a co-avaliação.

Torna-se imprescindível interagir os alunos, partilhando com eles a análise de suas produções, transformando eventuais erros em situações de aprendizagem, orientando-as para reconhecer seus avanços e dificuldades.

Essas atividades fazem parte da aprendizagem. É um excelente material de análise, pois expressam uma hipótese de construção do conhecimento e revelam-se como o aluno está pensando. E pela interação com o professor e com os demais colegas que o educando buscará meios de superar suas hipóteses, atingindo outros patamares do conhecimento.

Compreendendo que a diversidade é inerente ao ser humano, o professor deverá ter em mente que muitos deverão ser os recursos didáticos utilizados no processo da aprendizagem, bem como na avaliação, para contemplar essa diversidade que caracteriza o universo em sala de aula.

É necessário que os professores tenham em mente alguns questionamentos ao formularem suas avaliações;

1 – Em que medida as situações de avaliação favorecem a aprendizagem de atitudes desejados?

2 – Utiliza um método de avaliação que não valorize apenas a aquisição de conteúdos?

3 – Os instrumentos de avaliações são adequados para atender a diversidade dos alunos?

Neste sentido é essencial definir critérios em que caberá ao professor listar os itens realmente importantes, informá-los aos alunos, sem uma necessidade, pois a avaliação só tem sentido quando é contínua, provocando o desenvolvimento do educando. É importante que o educador utilize o diálogo como fundamental eixo norteador e significativo papel da ação pedagógica.

Segundo o pedagogo Luckesi, para avaliarmos precisamos conhecer a realidade do aluno, a qualificação e tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

A avaliação qualitativa deve estar alicerçada na qualidade do ensino e pode ser feita para avaliar o aluno como um todo no decorrer do ano letivo, observando a capacidade e o ritmo individual de cada um.

Assim sendo, para haver uma avaliação qualitativa e não classificatória deve acontecer uma mudança nos paradigmas de ensino em relação a democratização da educação escolar.

A dinâmica da avaliação efetiva-se, justamente, a partir das respostas do educando frente às situações desafiadoras nas diferentes áreas de conhecimento. Suas perguntas e

respostas, suas manifestações, representam tentativas de apropriar-se das múltiplas relações entre os fenômenos que vivencia.

## **2. AVALIAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Para mim, o que tem ocasionado a maioria das discussões em torno da avaliação é a tentativa de definição do significado primordial de sua prática na ação educativa. Vários educadores notáveis e com formação diversa voltam sua atenção para o processo de avaliação educacional.

Observa-se, entretanto, que os estudiosos em avaliação importam-se, sobretudo em estabelecer críticas e paralelismo entre ação avaliativa e diferentes manifestações pedagógicas, deixando, entretanto, de apontar perspectivas palpáveis ao educador que deseja exercer a avaliação em benefício da educação.

Muitas vezes, ocorre a educadores conscientes do problema apontar aos alunos as falhas do processo, criticá-los e a contento e profundidade, exercendo, entretanto, em sua sala de aula, uma prática avaliativa improvisada e arbitrária.

Alguns educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados. E exercem essas ações, de forma diferenciada.

A avaliação é essencial à educação. Inerente é indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. Um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo, do termo instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais.

Muitas lutas vêm sendo assumidas por educadores, e, até mesmo políticos, na denuncia da função seletiva e discriminatória das notas e conceitos e dos sérios prejuízos sociais decorrentes da reprovação de estudantes das classes populares. Decisões políticas encaminham a questão no sentido de eliminar das escolas o fenômeno da reprovação nas séries iniciais. Tais medidas procuram minimizar o prejuízo social decorrente da concepção de avaliação como função burocrática, primitiva e obstaculizante ao projeto de vida de nossas crianças e adolescentes.

É necessário, oportunizar-lhe a tomada de consciência sobre a contradição existente entre a ação de educar e a concepção de avaliação como resultado e como julgamento. É a partir da análise de situações vividas pelos professores no seu cotidiano, através da expressão

e manifestação de suas dúvidas e anseios que poderemos avaliá-los e reconduzir suas ações e compreendê-las numa outra perspectiva.

Na reconstrução da prática avaliativa, é de fundamental importância a postura de “questionamento” do educador. A avaliação é a reflexão transformada em ação que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento.

A avaliação como uma função classificatória e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de parcelarização do conhecimento. O grau, nota, conceito, são conferidos ao aluno sem interpretação ou questionamento quanto ao seu significado e poder. Registros de resultados bimestrais, trimestrais ou semestrais estabelecem uma rotina de tarefas e provas periódicas desvinculada de sua razão de ser no processo de construção do conhecimento. O professor cumpre penosamente uma exigência burocrática e o aluno, por sua vez, sofre o processo avaliativo. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de investigação e dinamização do processo de conhecimento.

A avaliação na perspectiva de construção do conhecimento, parte de duas premissas básicas: confiança na possibilidade de os educandos construírem suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses.

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto, como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política. Nessa dimensão, avaliar é dinamizar oportunidades de ação – reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas.

Uma prática avaliativa coerente com essa perspectiva exige do professor o aprofundamento em teorias de conhecimento. Exige uma visão, ampla e detalhada de sua disciplina. Fundamentos teóricos que lhe permitam estabelecer conexões entre as hipóteses formuladas pelo aluno e a base científica do conhecimento.

A avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. Compreender as dificuldades encerra, além disso, um princípio de descentração (PIAGET, 1977) por parte do educador. Pensar como o aluno pensa e porque ele pensa dessa forma não é tarefa costumeira dos professores.

A ação avaliativa abrange justamente a compreensão do processo de cognição. Porque o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo de verdades, numa espiral necessária de formulação e reformulação de hipóteses. Não há começo nem limites nem fim absolutos no processo de construção do conhecimento, Segundo Chiarottino (1988) referindo-se à teoria de Piaget.

Questionar-se e questionar é premissa básica de uma perspectiva construtivista de avaliação.

### **3. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO**

O professor deve utilizar instrumentos avaliativos vinculados à necessidade de dinamizar, problematizar e refletir a ação educativa/avaliativa da instituição escolar. Pode utilizar os seguintes métodos:

**Auto-avaliação:** este instrumento de avaliação deve ser usado pelo educador que se preocupa em formar indivíduos críticos e capazes de analisar suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos favoráveis e desfavoráveis e êxitos na dimensão dos propósitos. Ao ser utilizado, os educadores têm mais responsabilidade por suas próprias construções individuais.

**Observação:** onde o educador deve observar os seus educandos constantemente para constatar quais são os que apresentam dificuldades na aprendizagem e quais ainda não conseguiram produzir conhecimento sobre determinados conteúdos. O educador pode utilizar fichas de observação para melhor eficácia dos resultados.

Para se chegar a uma análise de avaliação é de fundamental importância saber de que maneira se chegou a elas, que desafios propôs aos seus educandos encontrarem as soluções fáceis para os problemas propostos.

O processo de avaliação requer observações, registros e análises sistemáticos do processo de elaboração do conhecimento pelo educando.

Pode-se dizer que não são apenas instrumentos usados que caracterizam uma avaliação conservadora, mas principalmente as formas como estes instrumentos são usados e analisados. Pois a avaliação é vista como um processo abrangente da existência humana que implica numa reflexão crítica no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas

dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão para superar os obstáculos, tendo em vista a função de processo transformador da educação na sociedade.

O processo avaliativo não deve assumir características primitivas e controladoras adotadas por determinados profissionais. Tais profissionais, muitas vezes inseguros do domínio dos conteúdos e mantendo vivências e interações conflitantes com o alunado, usam a avaliação como auto-afirmação e como forma de controle da dinâmica escolar:

Nesse sentido, Kramer (1989, p.59) enfatiza:

É necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os “erros” e os “culpados”, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o nosso trabalho. Nesse sentido, todos são objeto e sujeito da avaliação: professores, equipe de orientação, supervisão e direção, funcionários da secretaria, cozinha e conservação, crianças e pais.

Defende-se que a avaliação deve estar integrada ao processo que está ocorrendo no ambiente escolar; conseqüentemente, não deve incorporar aspectos primitivos, mas, como foi afirmado anteriormente, deve assumir uma posição diagnóstica, integrando-se de forma consistente ao processo ensino-aprendizagem. Em vez de fragmentos é preciso incentivar a interação do aluno no processo de ensino onde cada um tenha algo a ensinar para o outro, sendo a avaliação um elo entre a sociedade, as escolas e os estudantes.

Para finalizar, é importante resgatar o papel e as contribuições que o processo avaliativo poderá dar às aquisições escolares, lembrando que, Davis e Espósito (1990, p. 75) diz:

Não se obterá uma escola mais democrática mantendo-se numa postura condescendente em relação à apropriação do saber escolar. Na verdade, a escola que queremos e a aprendizagem que visamos dependem, sobretudo, de um professor competente e parcimonioso que, à luz de uma teoria de ensino-aprendizagem, avalie de forma precisa o processo de construção, reformulando os procedimentos de ensino, de modo a alcançar os objetivos da escolarização; crianças bem informadas que raciocinem com independência e sejam capazes de tomar posições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho trilhado pela avaliação tem sido difuso, complicado e absolutamente mal-sucedido.

Embora se requeira a consciência crítica para uma avaliação inteiramente humana, mesmo num estado de consciência mítica ou ingênua, a pessoa humana sempre avalia: julga as realidades (as práticas) à luz de critérios.

Quando debatemos a avaliação, surgem problemas, questões e desacertos em relação a cada um dos elementos que a constituem e que estão sendo indicados acima.

Percebo que é essencial e urgente o repensar do significado da ação avaliativa da pré-escola à Universidade. Quaisquer práticas inovadoras se não alicerçadas por uma reflexão profunda sobre concepções de avaliação/educação, desenvolver-se-ão em falso.

Apresentamos, assim neste trabalho científico, um possível caminho para a educação dos educandos, como uma das alternativas pedagógicas voltadas para uma educação democrática e para a construção e o exercício da cidadania.

A partir dos fundamentos teóricos que orientam a proposta, descrevemos o processo de avaliação do ensino aprendizagem como um aspecto fundamental de qualquer proposta curricular; e, na verdade, parte integrante dessa proposta. Assim, se pretendemos contribuir para que os educandos sejam cooperativos, críticos e criativos, autônomos e responsáveis, confiando nas suas formas próprias de agir e aprender, e respeitando as dos outros precisamos imprimir a concretização desse trabalho esse mesmo caráter cooperativo, crítico, autônomo e responsável. Que seja avaliada autônoma e criticamente de modo a que todos os professores percebam quando sua prática se afasta dos objetivos traçados ou das alternativas propostas e que seja compreendida e assumida de maneira séria e responsável nas suas bases teóricas e nas suas metas.

## ABSTRACT

This article tries to show the significance of the evaluation process in the teaching-learning process. Turning to the philosophy, in order to marked a reflection about the values found in the evaluation and the theoretical and ideological conceptions, which surround them. It points to the existence of a moral and political dimension by the concept dimension of the contents that have been discussed during the class dynamics. It points out how much the evaluation is important in the school, as an articulation to the others elements which compose the curriculum organization, with the idea that the evaluation process must be a task done by everybody from school. It will help do drop the difficulties and problems found in the teaching – learning process. So, in the learning process, where the teaching process is

inserted, the evaluation shows the advances and backs that children show during the contents acquisition, clearing to comprehension that is very important to the theoretical conceptions they are getting, offering solid bases to the organization of the logical relations as well. There is a possibility to overcome a kind of process that will contribute to the formation of an active, critic and democratic citizenship.

**Key- words:** evaluation, education, philosophy, learning.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Cláudia, ESPÓSITO, Yara Lucia. **Papel e função do erro na avaliação escolar.** Cadernos de pesquisa. São Paulo, n. 74, p. 75, 1990.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

DAVIS, Cláudia, ESPÓSITO, Yara Lucia. **Papel e função do erro na avaliação escolar.** Cadernos de pesquisa. São Paulo, n. 74, 1990.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação: mito e desafio uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Mediação, 2001, 30<sup>a</sup> ed. Revista.

\_\_\_\_\_. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação.** Porto Alegre: Mediação, 2000, 5<sup>a</sup> ed. Revista.

KRAMER, Sônia e outros. **Com a pré-escola nas mãos.** São Paulo: Ática, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1995.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

SANTIAGO, Neide Varela. **Construindo o saber: projeto de formação do professor alfabetizador.** Natal: TVV, 1993.